

## NA SOCIEDADE ENSIMESMADA: UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL PARA A ÉTICA DA CIRANDA

Tállison Ferreira da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma abordagem sobre educar para a ética da ciranda, no contexto de uma sociedade ensimesmada da qual emerge e se potencializa a cultura da indiferença. A temática, portanto, instiga pensar o homem, um ser gregário que, ao se articular na coletividade, deve mover-se pelas ações colaborativas, em vista da manutenção da vida. Para tanto, é preciso a construção de hábitos, os quais ajudem a romper as práticas egocêntricas. Assim sendo, a escola, tal como laboratório de vida, deverá constituir-se cada vez mais um espaço onde atividades entre os pares devam ser estimuladas tendo como finalidade formar para a parceria. Nesse cenário, o professor partirá dos problemas sociais existentes, motivando assim, os educandos, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos, à construção de resoluções criativas. Por isso, nesse itinerário reflexivo encontra-se a figura de Padre Francisco Canindé dos Santos, como protótipo de educador, que educou valendo-se do princípio da cooperação, tendo como mola propulsora de seu trabalho o bem comum. Contudo, sua missão não se restringiu à sala de aula, foi propagada a todos os âmbitos da sociedade do Assu, no estado do Rio Grande do Norte/RN. Ademais, este artigo de cunho histórico-bibliográfico-descritivo, fundamenta-se nas ciências da complexidade que assume o método como uma estratégia para o bem pensar, tomando como interlocutores teóricos Aristóteles, Hannah Arendt, Paulo Freire, Edgar Morin, Richard Sennett, Zygmunt Bauman, Papa Francisco, Tállison Ferreira da Silva e Ailton Krenak.

**Palavras-chave:** Padre Canindé, Pensamento complexo, Sociedade ensimesmada, Educação, Ética da ciranda.

### INTRODUÇÃO

Faz-se urgente insistir em narrativas que convoquem os indivíduos a uma reflexão capaz de movê-los para a construção de novas formas de sobrevivência mais humanizada. É de fundamental importância a elaboração de vias que superem o individualismo, o egoísmo e a linguagem mercadológica predominante pela qual tudo e todos tendem a se resumir a objetos passíveis de serem descartados.

Ao longo da história, no Brasil, é possível identificar homens e mulheres que lutaram pela sua época, engendrando, por meio de atos educativos, posturas mais humanizadas. Dessa forma, foram capazes de educar para uma ética da ciranda, sem necessariamente, se dar conta disto.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEd, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e pesquisador no Grupo de Estudos da Complexidade Edgar Morin, UFRN/Natal, [tallisonfilosofia@gmail.com](mailto:tallisonfilosofia@gmail.com).

Nessa perspectiva, destaca-se a figura de Padre Francisco Canindé dos Santos (1937)<sup>2</sup>. Um sacerdote educador que conseguiu compor a existência sob o signo da cooperação, mediante entendimento de que o homem é um ser de relação. Nas pegadas de Paulo Freire, Pe. Canindé propôs uma educação mais humanizada, ensinando a condição humana, ou seja, a dimensão cósmica, física, terrestre e social do homem como um ser que se interliga a outros aspectos da natureza (MORIN, 2011). Compreendeu que a educação humanizada integral é aquela que conjuga o homem a sua realidade para fazê-lo se perceber parte do processo de recriação da vida enquanto um animal social (ARISTÓTELES, 2022). Por isso, cada indivíduo deve se comprometer com o bem-estar coletivo e não apenas com os próprios interesses.

A comunidade cresce quando todos se sentem responsáveis uns pelos outros; ao contrário, quando as pessoas não participam do meio ao qual pertencem, a tirania prevalece. Quando a voz dos que podem lutar pela construção de um mundo melhor se cala, por medo ou covardia, a voz da tirania se sobrepõe. Por essa razão, Padre Canindé sempre instigou a mobilização de grupos e movimentos religiosos, políticos, educacionais e ambientais para lutarem em prol do bem comum.

Isso é visível na iniciativa de fundar a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN – Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão (1974); na criação da Rádio Princesa do Vale (1981) que juntamente com mais trinta e dois sócios foi capaz de criar; na luta pela reativação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Assu – APAE (2006) (cf. SILVA, 2022a, 51-91), entre outros acontecimentos e envolvimento socioambientais, que exigiram dele certo posicionamento, por exemplo, a construção da Barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves (1983), cuja edificação afundaria a cidade de São Rafael/RN e suas memórias, bem como impactaria os plantios de carnaúbas e dos algodoads da região do Vale do Açu, além de expropriar centenas de famílias (cf. SILVA, 2022a, 51-91). Assim, seu perfil educativo constitui a base para o entendimento da ética da ciranda (SILVA, 2022b), porque nele se vê um estilo de vida pautado na cooperação, tão necessário à sociedade atual, que caminha cada vez mais ensimesmada.

O que motivava Pe. Canindé a atuar, não era apenas o fato de ser um líder religioso; tampouco, o que fazia, fazia por vaidade, mas devido ao compromisso com a sociedade à qual pertencia, como um homem da sua época (cf. FREIRE, 2020, p.87). Posicionando-se frente às

---

<sup>2</sup> Natural de Pelo Sinal, sítio pertencente à cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte/RN. Compõe o clero da Diocese de Santa Luzia de Mossoró/RN. Foi ordenado sacerdote, em 29 de junho de 1965 e passou a residir em Assu/RN, a partir de 03 de janeiro de 1966, onde esteve à frente da paróquia de São João Batista até o ano de 2011.

necessidades de seu tempo, ele ensinou outros a fazerem o mesmo, evidenciando o trabalho articulado em parceria, por compreender que ninguém faz nada sozinho. Essa maneira de pensar e de agir pressupõe a ética da ciranda.

A ética da ciranda deve ser estimulada em todos os ambientes sociais, especialmente na escola, por meio de atividades que promovam engajamento e parceria entre pares (SILVA, 2022b). Nessa perspectiva, objetiva-se superar o adágio popular “salve-se quem puder” por “ninguém se salva sozinho”. Desse modo, educar para uma ética da ciranda é formar para o exercício de entreajuda, que se inicia no ambiente familiar e se estende à escola e a outros espaços da sociedade; isso é um desafio, no contexto do sistema capitalista, que tem fomentado, direta ou indiretamente, o egocentrismo, a competição e a indiferença social.

Assim, fazer da educação uma estratégia para o bem pensar continua sendo uma das alternativas essenciais no que compete colocar as pessoas de frente para os problemas sociais para que sejam capazes de elaborar resoluções criativas e mecanismos mais sustentáveis de sobrevivência sob o alicerce da amizade social (FRANCISCO, 2020). Fazer do espaço escolar um laboratório de vida permite os indivíduos reforçarem a sua dimensão gregária, e em grupo, desenvolverem a capacidade de analisar criticamente a realidade onde estão inseridos para transformá-la (FREIRE, 2020). Nesse sentido, o sentimento de pertencimento ao mundo, compromisso, esperança e atuação são elementos indispensáveis para que se construa uma forma de viver que apela, permanentemente, para uma luta pela manutenção da vida em sua diversidade.

## **METODOLOGIA**

O percurso investigativo, de cunho histórico-bibliográfico-descritivo, sustenta-se na epistemologia das ciências da complexidade, que assume o método como estratégia para o bem pensar, apresentando a seguinte questão-problema: Em que consiste educar para a ética da ciranda, na sociedade ensimesmada?

A partir dessa indagação, levanta-se uma abordagem sobre o homem, um ser político, bem como a importância de o humano reconhecer-se parte integrante de um todo maior. Também se busca reforçar a discussão sobre a relação homem e sociedade, em vista da transformação do meio a que pertence. Promove uma discussão sobre o ensimesmamento da sociedade e a cultura da indiferença, enfatizando a ética da ciranda como uma das vias de solução para o problema do individualismo. Provoca pensar sobre o papel da educação no processo de construção de imperativos éticos necessários à preservação da vida. Apresenta Pe.

Canindé como a referência de um educador que colaborou com a formação humanística de um povo, em vista de sua emancipação, não apenas na sala de aula, mas também nos diversos âmbitos da sociedade norte-rio-grandense.

Assim sendo, a elaboração dessa narrativa leva em consideração pertinentes conceitos filosóficos e teorias da complexidade para melhor compreensão do tema pesquisado. Desse modo, coube uma revisão da literatura dos seguintes pensadores: Aristóteles, Hannah Arendt, Paulo Freire, Edgar Morin, Richard Sennett, Zygmunt Bauman, Papa Francisco, Tállison Ferreira da Silva e Ailton Krenak.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), filósofo clássico da antiguidade, concebeu um conceito que permite compreender a relação entre homem e sociedade. O filósofo grego, situado no contexto da Grécia Antiga, definiu o homem como um animal político (ARISTÓTELES, 2022). O ser humano é um ser de relação e na relação com os outros humanos, na *pólis*, se constitui animal social.

Percebemos toda *pólis* como uma certa forma de comunidade e toda comunidade é formada visando algum bem (pois todos os homens realizam todas as suas ações em vista do que pensam ser o bem). É, então, evidente que, ao passo que todas as comunidades visam algum bem, a comunidade mais elevada de todas, e a que reúne todas as outras, visa o mais elevado de todos os bens. Essa comunidade é o que chamam de *pólis* e é aquela que apresenta caráter comunitário e político (ARISTÓTELES, 2022, p.5, grifos do autor).

Dirá o filósofo que “é evidente que a *pólis* existe por natureza e que o homem é, por natureza, um ser político” (ARISTÓTELES, 2022, p.8). No contexto em que fala Aristóteles, o animal político é aquele que, por meio da virtude, contribui para com o bom andamento da sociedade, objetivando o bem comum e a felicidade.

A virtude é uma ação prática, ou seja, diz respeito à ação correta – *a justa medida*. Nessa perspectiva, entende-se a ética aristotélica como um estilo de vida ou comportamento virtuoso, que tem como objetivo – a *eudaimonia* (ARISTÓTELES, 2007). A finalidade das ações humanas consiste, portanto, na busca pela felicidade, que passa também pela interação social.

A filósofa Hannah Arendt (1906-1975) comungará da mesma ideia de Aristóteles afirmando que o homem se articula na coletividade e nela se constitui como tal e enquanto ser gregário é também responsável por participar e agir (ARENDR, 2010) em vista da transformação social.

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos. Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens (ARENDDT, 2010, p. 26).

Na sua obra *A Condição Humana*, a filósofa alemã confere ao homem a capacidade de agir, de transformar a realidade e modificar o mundo em que vive para criar algo novo pelo qual a vida e o mundo ganhem um novo sentido (ARENDDT, 2010). Nisso consiste a *ética da ação* elaborada pela filósofa. Em outras palavras, a ética da ação sugere aos indivíduos consciência das consequências dos atos de modo que se responsabilizem por eles, não relegando a outros o que é de sua responsabilidade – agir para interferir.

Não apenas para Aristóteles e Hannah Arendt, mas também para o educador brasileiro, Paulo Freire (1921-1999), o homem é um ser de relação (FREIRE, 2020). É na relação e interação com outros indivíduos que o homem se constitui sujeito dos processos históricos. O sujeito é aquele que superou a consciência ingênua (consciência ilusória) pela consciência crítica (investigadora) (idem, 2020) e se move pela criticidade, em função da transformação da realidade onde está situado. Dirá Paulo Freire: “O homem está no mundo e com o mundo” (idem, 2020, p.37), diferente dos outros animais que se movem pelo instinto ou pelo contato (idem, 2020).

O homem é o único que pode transcender o próprio mundo onde está, mas não no isolamento, no individualismo e no fechamento. É da individualidade, da participação e da colaboração entre humanos que a mudança acontece, quando estes se permitem mudar a si próprios, em primeiro lugar. Por isso, Paulo Freire propõe uma discussão sobre educação que forme para a humanização e para a modificação da realidade. Educar para humanizar implica formar para o reconhecimento das limitações e potencialidades do humano (FREIRE, 2020) que é, nos moldes do pensamento do filósofo, antropólogo e sociólogo francês Edgar Morin, um ser inacabado e imprevisível (MORIN, 2011); inacabado, pois está sempre a se construir e imprevisível, porque está sujeito às mudanças e às incertezas do vivo.

Assim sendo, é preciso ensinar a condição humana, ou seja, ensinar às pessoas a sua individualidade e a se reconhecer parte de um todo maior, chamando atenção para a sua dimensão *cósmica, física, terrestre, o circuito cérebro-mente-cultura, indivíduo-sociedade-espécie, a esfera social e individual* (MORIN, 2011). Nesse sentido, é preciso educar para a autoformação. Morin dirá que:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar

cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional (MORIN, 2021, p. 65)

É uma das características do sujeito que se identifica com a sua realidade diz respeito ao sentido de pertença e comprometimento social. Por isso, é uma urgência ensinar habilidades para a vida nas escolas e espaços não formais da educação. Educar nessa perspectiva é contribuir para que cada pessoa se torne protagonista da própria história de maneira singular, responsiva e colaborativa, objetivando a superação da autossuficiência.

Assim sendo, deve-se levar em conta a *prática do compromisso* comunitário defendido pelo sociólogo norte-americano Richard Sennett (1943). O comprometimento do indivíduo para com a comunidade compreende movimentos de *entreeajuda*. Nada anula ou abala os valores e a força da comunidade, pois, unida, ela se mobiliza para transformar o que não vai bem. A comunidade, portanto, se constitui de homens e mulheres que se engajam e lutam juntos pelos seus ideais, visando o bem comum pelo exercício da cooperação (SENNETT, 2018).

Nesse sentido, compreende-se que “ninguém se salva sozinho, de que só é possível salvar-nos juntos” (FRANCISCO, 2020, p.29). Desse modo, insiste o Papa Francisco que é preciso superar a cultura da indiferença pela cultura do encontro e amizade social (*idem*, 2020). Em outras palavras, o pontífice convida a refletir sobre a construção de novas formas de relações, sobretudo, solidárias.

A cultura da indiferença fomenta o perfil de sociedade centrada em si mesma e, por isso, não consegue mais ouvir os clamores de sua época e nem ser capaz de se mover à fraternidade. Essa configuração de relação também se deve ao próprio sistema – a organização social capitalista – que tem fomentado um estilo de vida que se constrói sob o signo do bem-estar pessoal e não mais coletivo. Esse comportamento tem acentuado o fortalecimento da insensibilidade moral.

O filósofo polonês Zygmunt Bauman compreende insensibilidade moral, como um comportamento desumano (cf. BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.20), pelo qual cada um por si só constrói suas próprias redes, fechando-se para os problemas sociais existentes. Conviver com quem pertence à mesma rede, tem se tornado mais fácil e ao mesmo tempo perigoso, porque, por um lado, o indivíduo se cerca de pessoas que compactuam de suas ideias e atendem suas expectativas, por outro lado, esse tipo de convivência e as bolhas construídas não garantem relações sólidas. Dirá o filósofo:

Ao contrário das comunidades, as redes são construídas individualmente, e como tal remodeladas ou desfeitas, e se baseiam na vontade do indivíduo de

persistir como seu único, embora volátil, alicerce (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p.22).

A rede (a bolha) só se mantém enquanto o diferente não se manifesta. Quando isso ocorre, as relações são desfeitas rapidamente. Instaura-se, por exemplo, a cultura do cancelamento, ou seja, uma prática de julgamento e boicotagem contra alguém que não mais atende às expectativas de outrem. Essa prática tem se tornado comum e bem perceptível na realidade virtual. A própria configuração dos aplicativos de redes sociais dá a opção do *like*, mas também da *lixreira* e do *bloqueio*, permitindo uma forma de relacionamento pautado na curta e no descarte.

Assim, é preciso valer-se de alternativas que superem esse problema. A educação torna-se via. Educar para um estilo de vida mais humanizado, articulado sobre o princípio da ética da ciranda.

A ética da ciranda pressupõe sentido de pertença ao mundo, engajamento, participação, compaixão, benevolência, unidade na diversidade, dinamismo e solidariedade. Precisamos investir em relações cada vez mais circulares onde pessoas, de mãos dadas, se ajudem e busquem o melhor passo (formas de sobrevivência política, econômica, religiosa, cultural, ambiental e social, coerentes) em vista da manutenção da vida. Na circularidade, cada um de nós deve assumir um elo indispensável para que a corrente da irmandade não se rompa e a nossa existência possa fazer maior sentido. Embora o sistema social, impregnado de uma linguagem mercadológica, muitas vezes, nos leve a enxergar o outro como nosso inimigo, a nossa condição humana nos garante que somos todos irmãos. Isso é relevante para pensarmos o modo como estamos vivendo e nos relacionando com as outras formas de vida, bem como para construir novas rotas mais humanas, menos perversas (SILVA, 2022b, p. 46-47).

O espaço escolar deve-se impregnar por uma atmosfera do afeto, do cuidado recíproco, do acolhimento e do respeito a individualidade, para que, os valores transmitidos possam ressoar de maneira significativa, influenciando um comportamento mais fraterno e menos competitivo, mais altruísta e menos egoísta, mais generoso e menos mesquinho, mais coletivo e menos individualista, como propõe a ética da ciranda. Transformar a sala de aula em laboratório de vida, apesar de desafiador, é possível, porém, exige compromisso.

Sobre o termo compromisso, Paulo Freire dirá: “o compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto” (FREIRE, 2020, p. 18). Portanto, “assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” (idem, 2020, p.18), ou seja, implica imersão no mundo e olhares atentos aos acontecimentos que exigem ação. Nesse sentido, Paulo Freire faz a seguinte reflexão:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de ‘distanciar-se’ dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformando pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se [...] Este ser é o homem (FREIRE, 2020, p.19-20).

Não se trata de um homem abstrato, mas concreto (FREIRE, 2020), aquele que pode criar a realidade e mudar o curso da história. Para tanto, é fundamental que esse ser tome consciência da realidade onde está inserido, reflita sobre os acontecimentos e aja para transformar os cenários de desumanidades pelo sentimento de pertença ao meio e pelas relações tecidas sob o imperativo da solidariedade.

Nessa perspectiva, no âmbito escolar, o professor deve estimular processos criativos que visem novas formas de viver mais fraterna, crítica e responsiva. Educar para o compromisso com a humanização da humanidade.

Nesse contexto nos é apresentado o padre e educador Francisco Canindé dos Santos. Um homem da sua época (FREIRE, 2020), que conseguiu construir um legado educacional capaz de atravessar o tempo e marcar a história de um povo, nas terras do Vale do Açu, no estado do Rio Grande do Norte, pois sua forma de educar pressupõe a emancipação dos indivíduos, em vista de torná-los sujeitos e protagonistas da própria história. Dirá padre Canindé:

Em Assu, lecionei Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Francesa, História, Geografia, Filosofia, Latim, entre outras disciplinas. Passei pelo Instituto Padre Ibiapina, hoje o atual IMPI (Instituto Municipal Padre Ibiapina), Ginásio Pedro Amorim, Juscelino Kubitschek e pelo Colégio das Freiras – Nossa Senhora das Vitórias (lecionando no curso pedagógico). Em outros tempos, fui até diretor de escola. Sempre com certa rigidez e muita disciplina. Se é para trabalhar, vamos trabalhar. Se é para brincar, vamos brincar. Não dá para fazer de conta. Mas a minha função naquele momento não se restringia somente a ensinar o camarada a ler, escrever e a contar ou aprender outra língua apenas, mas percebia a urgência de contextualizar a vida, uma itinerância pelo conhecimento. Por isso, insisto na disciplina enquanto formação de conduta, no sentido de rigor e responsabilidade, isso significa comprometimento (in SILVA, 2020, p.31-32).

O compromisso com uma educação contextualizada permite aos sujeitos do processo de conhecimento moverem-se ao comprometimento social pela leitura de mundo. Nessa perspectiva, continua padre Canindé: “O professor deve operacionalizar nesse caminho. Entrelaçar os conteúdos dos livros ao conteúdo da vida” (in SILVA, 2020, p.31). Essa lição motiva a conjugação das diferenças e dos ideais comuns em vista do bem da coletividade, pois diversos são os conteúdos da vida e diversas são as realidades em que vive cada pessoa. Uma chave importante para o desdobramento dessa conjugação é o diálogo. Oportunizar a

fala e a manifestação de opiniões contribui para crítica reflexiva e tomada de decisões mais coerentes e eficientes na elaboração de solução de problemas.

Por essa razão, Padre Canindé fez da sala de aula, e de outros espaços sociais e eclesiais, lugares de formação para a reflexão e tomada de decisão. Fez da educação uma via para formar homens que se comprometessem com o seu tempo (SILVA, 2022a) e pela força da cooperação fossem capazes de se perceberem também responsáveis uns pelos outros.

O professor não pode deixar de insistir e persistir. Deve rasgar o véu, romper com o silêncio, e se for preciso, gritar. Não entenda mal quando falo gritar, não se trata de autoritarismo, mas de arregalar os olhos e dizer: não é possível continuar como está (in SILVA, 2020, p.30).

A sua preocupação com as necessidades de sua época o levou a dedicar-se à elaboração do perfil religioso de um povo cristão católico pautado na junção entre fé e vida, por isso, empreendeu esforços na edificação de escolas, universidade, rádio e até mesmo na reativação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Assu – APAE, por considerar que não se faz uma nação sem educação e inclusão (cf. SILVA, 2022a, p.39-41).

Ademais, tratando-se de meio ambiente, lutou pelas vítimas do progresso que pôs no chão a cidade de São Rafael para dar lugar a Barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves, nos idos de 1970-80. A luta não era contra a construção da barragem, mas a imposição de um projeto que não considerava as consequências, cientificamente comprovadas, que dele decorreram, por exemplo, a Lagoa do Piató, que secaria (cf. SILVA, 2022a, p.65-91). Todo trabalho desenvolvido na cidade de Assu, foi feito sob o signo das rotas de colaboração (SILVA, 2022a), por entender que ninguém constrói nada sozinho.

Se há muita força que produz a morte, é preciso unir o cordão, para que mais gente tome parte da roda do existir. Na ciranda do viver, padre Canindé soube ensinar o passo da ação colaborativa, objetivando um modo de vida fraternal e, conseqüentemente, mais cooperativo (SILVA, 2022a, p.52).

Padre Canindé se apresenta como um protótipo de quem se desloca pela ética da ciranda, visível em sua atuação pastoral, socioambiental, política e educacional. Nesse sentido, se torna referência e um agente do “inédito viável” (cf. SILVA, 2022a, p.104), marcando o mundo com a sua presença, pois atua com o que se tem para transformar os cenários desoladores em cenários onde o imperativo da vida seja mais forte. Marcar o mundo com a presença, nas palavras do filósofo, poeta e ambientalista Ailton Krenak, significa “viver a experiência da nossa própria circulação no mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p.27).

Contar com o outro para construir rotas de vida mais solidárias. Contar com o outro para superar a indiferença social e a ganância ao passo em que se assume um estilo de viver mais sustentável, capaz de interagir não apenas com os outros humanos, mas também com os rios, lagos, oceanos, florestas e com os demais animais. Contar com outro para respeitar as subjetividades e enriquecer-se com elas. Contar com o outro para que a humanidade recupere a sua dimensão gregária.

Portanto, na sociedade ensimesmada conseguir ser presença ativa é saber dar sentido à própria existência, existindo não para si, mas para o outro, na circularidade, proatividade e afeto, visando metamorfosear o individualismo pelo princípio de uma ética da ciranda. Esse exercício começa por um simples bom dia; um olhar atento à necessidade alheia; uma escuta verdadeira; uma posição política em vista do bem-estar coletivo; o cuidado com o lixo que se produz; maior atenção para o consumo desenfreado; uma árvore que se planta etc. Educar para uma ética da ciranda significa educar para o sentimento de pertença ao mundo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das pesquisas realizadas no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEd/UFRN (SILVA, 2022a), sobre Padre Francisco Canindé dos Santos, surgiu a elaboração do conceito ética da ciranda, que, posteriormente, apareceu como tal, na obra *Poemas, Contos e Aforismos* (SILVA, 2022b). Dessa forma, constituindo-se imperativo para um estilo de vida ancorado nas forças de cooperação, considerando a unidade na diversidade e a condição humana como vínculo pelo qual todos somos convidados a sentirmo-nos responsáveis uns pelos outros e pelo meio ambiente com tudo o que o compõe.

Pe. Canindé foi capaz de fazer pertinentes deslocamentos em vista do bem comum, não se limitando apenas às demandas paroquiais, mas também, as questões educacionais, socioambientais e políticas, destacando-se, igualmente, no âmbito da comunicação. Ensinando os seus educandos (crianças, jovens, adultos e idosos), insistiu com uma política da participação. Dirá padre Canindé:

Se é o interesse comum que nos une, por que não emprendermos esforços nessa ordem? A preocupação primeira da política, pelo viés da ética, é prezar pela felicidade individual, e no sentido da política propriamente dita, é a de garantir a felicidade coletiva (in SILVA, 2020, p.45).

Na sociedade ensimesmada, educar a uma ética da ciranda alude educar para o exercício da promoção humana e na perspectiva de Pe. Canindé, “não existe promoção

humana sem comprometimento social” (in SILVA, 2020, p.46). Se cada um vive na sua bolha, não se reconhece um ser de relação e vive pela regra do “salve-se quem puder”, é muito provável que não apenas um indivíduo desapareça, mas aos poucos, toda a humanidade vai sendo tragada pelo individualismo, egoísmo e indiferença. Mesmo assim, não se pode deixar de apostar na esperança do verbo esperar como ensinara Paulo Freire e reforçada por padre Canindé que ensina: “a esperança não é a última que morre, porque ela é vida e ressurreição” (in SILVA, 2020, p.7). A ética da ciranda nutre-se da esperança que faz o humano acreditar que é possível persistir na luta por modificar o mundo, mesmo quando todos dizem que não tem mais jeito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade ensimesmada é aquela onde os indivíduos não mais se interessam em participar, como agentes responsáveis, do processo de transformação social pelo princípio da coletividade. Fecham-se nos seus próprios interesses articulando-se com quem pertence apenas à mesma rede e compactua das mesmas ideias. Nesse contexto, instaura-se a cultura da indiferença, que fomenta cada vez mais o perfil de uma sociedade egocêntrica e, conseqüentemente, desumana, porque tal postura anula a existência do outro, ferindo a dignidade humana.

Educar à ética da ciranda é dos imperativos mais urgentes, embora seja um desafio, pois exige-se um trabalho árduo para que o indivíduo se reconheça parte do todo e que não seja possível construir uma sociedade solidária apenas sozinho. Nessa perspectiva, padre Canindé se destaca como um educador que formou para protagonismo e para o engajamento político, afirmando que o homem se constrói na coletividade e que a aprendizagem cidadã (MORIN, 2021) contribui para práticas de solidariedade e de pertencimento ao meio onde se vive, uma vez em que pequenos gestos de afeto e empatia podem estimular novas formas de relacionamento socioambiental, estímulos que devem ser cultivados no âmbito familiar e escolar.

Nessa perspectiva, nos espaços escolares, o que compreende a Educação Básica, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio e ao Ensino Superior, deve-se ensaiar passos de solidariedade, empatia, participação social e sentido de pertencimento ao mundo (SILVA, 2022b). Por isso, a necessidade de instruir as crianças para movimentos mais circulares. Metaforicamente, trata-se de ensinar para a parceria, de modo que não se enxergue o outro sob a linguagem mercadológica que apresenta quem deveria ser o amigo, como um inimigo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Vinicius Chichurra. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo – SP : Martin Claret, 2007.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. – 11.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Tradução em português para o Brasil, 2020: Edições CNBB. 1ª.ed. São Paulo/SP, Paulinas, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução Lilian Lopes Martin. 42ª ed. – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. – 26ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. 2. ed.rev. – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- SENNETT, Richard. **Juntos**. Tradução de Clóvis Marques. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SILVA, Tállison Ferreira da. **Diálogo com o mestre: educação, política, religião e outros aprendizados**. Natal/RN: 8 Editora, 2020.
- SILVA, Tállison Ferreira da. **A dinamicidade de um padre educador, nas terras do Vale do Açu. Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED - Mestrado em Educação, 2022a. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47561>>. Acesso em: 27 out. 2023.
- SILVA, Tállison Ferreira da. **Poemas, contos e aforismos**. Natal/RN: Offset Editora, 2022b.